

Superintendência Regional de Educação	LINHARES
Categoria	Boas Práticas na Gestão Escolar
Autor	Bruno Sirtoli
Escola	EEEFM Misael Pinto Netto
Título do Relato de Prática	COMITÊ ANTIRRACISTA – VOZES DA MUDANÇA
Período de realização	05/02/2024 à 30/08/2024

RESUMO

O Comitê Antirracista é fruto de vivências observadas em diversos anos e também do anseio dos estudantes e de toda a comunidade escolar para ter um espaço que gere conhecimento e disseminação de práticas antirracistas. Por meio da composição do Comitê, conseguimos, quanto escola, ter uma estrutura de ações organizadas para tratar da Relações Étnico-Raciais durante todo ano letivo, como por exemplo: reuniões, ao menos mensais, para leitura de artigos, livros, revistas - dentre outros; e visitas pedagógicas a locais - como museus, quilombos e aldeias - para se aprofundar nos conhecimentos teóricos e poder replicar em todas as turmas da escola as vivências e experiências adquiridas, visando a realizar uma troca de conhecimentos aluno-aluno. Para além disso, dentro deste primeiro ano de implantação, o Comitê já recebeu convidados para palestras sobre diversos assuntos, tendo inclusive um Doutorando de Moçambique presente na escola para apresentar suas percepções sobre as diferenças culturais e sociais em relação ao binômio Brasil-Moçambique. Foi realizado também um seminário na escola com presença de diretores e professores de outras escolas estaduais, representantes da Superintendência e da Secretaria de Educação Municipal de Educação no intuito de iniciar um movimento de integração e de perspectiva de novas ações. Para além das ações internas da escola, o Comitê também foi convidado para apresentar ao grupo de gestores e coordenadores pedagógicos da nossa regional todo o trajeto de implementação do Comitê e nossa estrutura de funcionamento para possível replicabilidade. Posterior a esse momento, o Comitê já participou da Jornada de Planejamento Pedagógico de outra unidade escolar que está buscando capacitar professores para implementar um projeto semelhante em 2025. Diante de todo esse cenário, é nítido em nossos estudantes que compõem o comitê o aumento no sentimento de pertencimento à escola, na geração de identidade, na proposição de ideias, no posicionamento frente a práticas discriminatórias, na importância de serem membros atuantes na sociedade, tornando-se verdadeiros protagonistas.

RELATO DE PRÁTICA

1.0 – CONTEXTUALIZAÇÃO DA IDEIA

A escola em que foi realizada a ação está situada na região central do município, e devido à facilidade de acesso recebe alunos de praticamente todo os bairros, de alguns distritos e, por vezes, até da cidade vizinha que fica a cerca de 14 quilômetros de distância. Diante desse cenário, os alunos ingressantes na primeira série do médio são oriundos de pelo menos 6 escola municipais diferentes, o que traz para a escola grupos bastante heterogêneos no que diz respeito a nível de conhecimento, idade, perfil socioeconômico, dentre outros. Observa-se também uma maioria de matrículas de estudantes pretos e pardos, sendo inclusive visível que o número de estudantes pretos na escola é superior ao declarado, ocorrendo de muitos se declararem pardos, segundo os dados retirados dos relatórios estatísticos nossa escola possui.

MODALIDADE	SÉRIE	AMARELO	BRANCO	INDÍGENA	PARDO	PRETO	NÃO DECLARADO
MÉDIO INTEGRADO	1º	1	12	2	61	5	0
MÉDIO INTEGRADO	2º	0	4	1	29	3	0
MÉDIO INTEGRADO	3	0	8	0	19	1	0
MÉDIO REGULAR	1º	0	55	7	142	22	0
MÉDIO REGULAR	2º	1	52	3	142	17	0
MÉDIO REGULAR	3º	1	65	4	167	10	0

Dentro do cotidiano escolar, já são realizadas práticas de Educação para Relações Étnico Raciais - segundo relato de professores - desde pelo menos o ano de 2012, contudo sempre com ações pontuais e isoladas. Ocorre que no ano de 2023, após uma formação realizada pela SEDU voltada para a temática, os gestores foram convidados a realizar o questionário feito pelo Instituto Unibanco - de fato - com um olhar crítico sobre cada ponto apresentado. Nesse momento, ao responder às perguntas ficou nítida a fragilidade da escola em todos os campos apresentados, fato esse inclusive que reflete muito da autodeclaração dos estudantes dizerem ser majoritariamente pardos, quando na verdade são pretos, mas por não se sentirem pertencentes, seguros e valorizados no ambiente escolar é mais “cômodo” declarar-se pardo. Inclusive nessa trajetória de 2012 até 2024, vivenciando o dia a dia da escola e também ouvindo relatos de alunos, professores e servidores, ocorreram diversas situações de racismo e injúria racial na escola, que por vezes foram silenciadas e levadas na brincadeira para evitar maiores confrontos. Diante desse cenário, em conjunto com a equipe gestora e professores que se dispuseram a pensar a temática, desenvolvemos em 2023 várias ações sistemáticas na escola com a temática do EREER, como exposições de arte, ensaios fotográficos, rodas de conversa, trabalhos interdisciplinares e sobretudo uma professora projetou suas eletivas para formar censo crítico em um grupo de estudantes para que em 2024 pudéssemos iniciar um movimento ainda mais articulado e organizado, criando o tão sonhado Comitê Antirracista. Esse desejo de criar um Comitê devidamente orientado na escola vem ao encontro as Diretrizes Curriculares Nacionais, que apresentam uma orientação política curricular estruturada, de dimensão histórica, social e antropológica, engajada no combate ao racismo para a construção de uma nação democrática. O documento propõe que:

(...) divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada. (BRASIL,2004, p.10)

Também cabe ressaltar todo o descaso com as leis e normas que por vezes são relegadas ao desconhecimento e descrédito, como por exemplo a lei 10639/2003, que já deveria ser uma realidade no país, por se tratar de um compromisso ético e político, que contempla um projeto maior de pacto para o fortalecimento da nossa democracia, mas que ainda não tem toda sua plenitude atendida. Desta forma, Gomes (2012) reforça que a aplicação da lei não

pode ser entendida como um processo de introdução de novas disciplinas e novos conteúdos, mas como ela mesmo reitera:

Nesse sentido, a mudança estrutural proposta por essa legislação abre caminhos para a construção de uma educação antirracista que acarreta uma ruptura epistemológica e curricular, na medida em que torna público e legítimo o “falar” sobre a questão afro-brasileira e africana. Mas não é qualquer tipo de fala. É a fala pautada no diálogo intercultural. E não é qualquer diálogo intercultural. É aquele que se propõe ser emancipatório no interior da escola, ou seja, que pressupõe e considera a existência de um “outro”, conquanto sujeito ativo e concreto, com quem se fala e de quem se fala. E nesse sentido, incorpora conflitos, tensões e divergências. (GOMES, 2012, p.105).

Diante dessa realidade, torna-se extremamente necessário munir nossos estudantes de todo conhecimento histórico, cultural e jurídico para que estes possam ocupar os espaços de fala e produção de conhecimento com total capacidade e discernimento para lutar por um país mais justo e equânime.

2.0 – PÚBLICO ALVO

O foco inicial do Comitê Antirracista Vozes da Mudança são todos os estudantes da escola, sejam aqueles que fazem parte efetiva do Comitê quanto aqueles que participam das ações de disseminação de conhecimento na escola. Além dos estudantes, também são impactados com a ação:

professores - que participam de alguns momentos como convidados, que estão nas salas durante os momentos de partilha de conhecimento, que são incentivados pelos alunos do comitê a participarem de formações sobre a temática oferecidas pela SEDU e por outras instituições;

gestão - que por meio das ações desenvolvidas está continuamente revendo práticas e ações da escola visando a tornar o espaço escolar cada vez mais acolhedor;

famílias - com as ações realizadas diretamente com os responsáveis dos alunos ou mesmo de forma indireta com a criação de senso crítico nos estudantes que levam a temática das Relações Étnico Raciais para serem abordadas no seio familiar.

3.0 – OBJETIVOS

- ✓ Compreender que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas, e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história;

Este objetivo está vinculado ao Objetivo Estratégico Finalístico IV da SEDU, que versa sobre "o desenvolvimento dos estudantes em suas dimensões: intelectual, social, emocional, física, cultural e política, promovendo a cultura de paz."

- ✓ Combater estereótipos, discriminações de qualquer natureza e violações de direitos de pessoas ou grupos sociais, favorecendo o convívio com a diferença;

Este objetivo está vinculado ao Objetivo Estratégico Finalístico I da SEDU, que versa sobre "à promoção da equidade e da inclusão, com foco em raça e gênero, mitigando as desigualdades sociais."

4.0 COMPETÊNCIAS GERAIS E HABILIDADES CURRICULARES

As competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a educação básica que estão de acordo com a proposta do Comitê:

- Conhecimento
- Pensamento científico, crítico e criativo
- Repertório cultural
- Comunicação
- Cultura digital
- Argumentação
- Empatia e cooperação
- Responsabilidade e cidadania

4.1 Competências gerais de forma ampla, conforme texto da BNCC:

- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social e cultural para entender e explicar a realidade (fatos, informações, fenômenos e processos linguísticos, culturais, sociais, econômicos, científicos, tecnológicos e naturais), colaborando para a construção de uma sociedade solidária.
- Desenvolver o senso estético para reconhecer, valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também para participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- Utilizar conhecimentos das linguagens verbal (oral e escrita) e/ ou verbo-visual (como Libras), corporal, multimodal, artística, matemática, científica, tecnológica e digital para expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e, com eles, produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
- Utilizar tecnologias digitais de comunicação e informação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas do cotidiano (incluindo as escolares) ao se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos e resolver problemas.
- Utilizar tecnologias digitais de comunicação e informação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas do cotidiano (incluindo as escolares) ao se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos e resolver problemas.

4.2 Habilidades

- (EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.
- Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se

comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

- Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).
- Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

5.0 IMPLEMENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

5.1 Implementação

Para implementar a ação, foram desenvolvidas as seguintes tarefas:

- Reunião no início do ano letivo integrando gestão escola e professores que se disponibilizaram a organizar as ações do Comitê junto aos alunos para alinhar as ideias e o campo de atuação do Comitê, bem como preparar a estrutura formal do mesmo.
- Seleção dos alunos com base nas participações nas ações da escola realizadas no ano anterior e também abertura de possibilidade de outros alunos se inscreverem para participar.
- Escolha do nome do Comitê.
- Preparação do cronograma de reuniões do Comitê e escolha do acervo inicial de material que seria analisado e debatido nos encontros formativos.
- Criação de um roteiro prévio de visitas pedagógicas para apropriação de conhecimento por parte dos alunos e professores a diversos locais que tem relação com a ERER.
- Preparação do cronograma de ações nas turmas onde são apresentados os conhecimentos obtidos nas visitas pedagógicas e nos encontros formativos.
- Organização da estrutura e do cronograma de ações do 1º Seminário das Relações Étnico Raciais da escola.

5.2 Desenvolvimento

O primeiro encontro do comitê aconteceu no dia 14 de março, onde foram apresentadas as métricas do Comitê Antirracista, que ainda não tinha nome definido, com todos os critérios efetivos para entrada, permanência e desligamento do mesmo. Nesse dia foi lançado para os estudantes o desafio de proporem possíveis nomes para o Comitê. Dentro da semana seguinte, com base nessas sugestões nasceu o Comitê Antirracista “Vozes da Mudança”. A partir desse momento, também foi pensada a identidade visual do Comitê, sendo criada a arte que nos representa.

Dentro do cronograma de ações do Comitê temos desenhadas duas linhas de ações com os estudantes. A primeira são as reuniões ordinárias que ocorrem ao menos uma vez por mês, onde são realizadas: análise de livros didáticos, leitura e rodas de conversa sobre livros, artigos, poesia, periódicos, ou outros materiais selecionados justamente para aprofundar o conhecimento teórico sobre as relações étnico raciais, visando a empoderar os estudantes para terem mais propriedade ao tratar do tema na escola, em suas casas e na sociedade de forma geral. Cabe salientar que temos outras temáticas que perpassam as ações do Comitê e estão relacionadas aos anseios dos estudantes, como por exemplo conhecimento sobre as leis relacionadas aos direitos da comunidade LGBTQIAPN+, aos direitos das mulheres, dentre outras pautas que surgem à medida que acontecem as reuniões, ou mesmo no dia a dia da escola. Além das reuniões ordinárias, a segunda linha de ação são as visitas externas e o recebimento de convidados na escola para realizar ações com o comitê, que geram posteriormente momentos em todas as turmas para disseminação dos conhecimentos adquiridos. Dentro desse cenário de atuação, já foram realizados em 2024:

- Reuniões mensais onde foram analisados livros, notícias, artigos ou trechos de obras como por exemplo:
 - “Luta antirracista no Brasil: o que os brancos tem a ver com isso?”. Artigo da Revista Espaço Acadêmico.
 - “Algoritmos, mídias digitais e as novas dinâmicas do racismo estrutural”. Artigo de Willian Fernandes Araújo, doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
 - O drama de Constância de Angola (1880)
 - Livro História Preta das Coisas: 50 Invenções Científico - Tecnológicas de Pessoas Negras.

- Artigo “Como acolher crianças negras vítimas de racismo.

- No dia 19/04, aconteceu a visita à Aldeia Pau Brasil, na qual os membros do Comitê participaram de uma manhã cultural, sendo abordada a história dos povos originários, suas lutas e conquistas, bem como houve oficinas de pintura corporal e jogos indígenas.
- No dia 29/04, os membros do Comitê foram em todas as turmas do matutino e vespertino compartilhar as vivências e trazer informações relevantes para os alunos sobre a visita do dia 19/04.
- Em 21 de maio, recebemos a visita de membros da superintendência para uma roda de conversa sobre a importância das ações relacionadas a EREER no ambiente escolar.
- No dia 10 de junho, o Comitê recebeu na escola o senhor Carlos Monteiro Mapero, da cidade de Pemba, Moçambique, que veio para um bate papo sobre as semelhanças e diferenças, sociais, culturais e políticas entre Moçambique e Brasil. O senhor Mapero é estudante de doutorado na Universidade Federal do Espírito Santo.
- No dia 13 de junho, o Comitê foi convidado a fazer uma participação em um momento formativo para um grupo de escolas onde foi apresentada toda a trajetória de criação do Comitê, suas características, bem como os impactos já sentidos na escola.
- No dia 18 de junho, os membros do Comitê fizeram a socialização com as turmas das impressões da roda de conversa com o senhor Mapero.
- No dia 05 de junho, foi realizada nos turnos matutino e vespertino uma ação com as mães dos estudantes direcionadas pelos estudantes do comitê com apresentação do texto “Olhos D’água”, de Conceição Evaristo, e uma série de dinâmicas para fortalecer os laços entre mães e estudantes.
- No dia 24 de julho, o Comitê foi convidado a partilhar - com outra escola estadual - as vivências, ações e projetos realizados em 2024 e os caminhos percorridos até a criação do comitê, visando a engajar o grupo de professores sobre a possibilidade de replicar a prática nesta referida escola.
- No dia 02 de agosto, foi realizado o primeiro Seminário interno da escola com o tema “A Trajetória do Negro no Brasil”, onde os estudantes fizeram uma série de apresentações, dinâmicas e estudo de legislações, contando com a presença estudantes e membros da escola, de diretores e professores de outras escolas estaduais, representantes da Superintendência e da Secretaria de Educação

Municipal, tendo inclusive a Secretaria de Educação Municipal reiterado que gostaria de levar a ideia do Comitê para as escolas do Município.

Ainda estão previstas ações para o ano de 2024 nos meses de setembro, outubro e novembro, como por exemplo a visita ao Quilombo São Pedro no município de Ibirapu e também uma visita a cidade de Ouro Preto – MG, onde serão obtidos conhecimentos que também serão difundidos por toda a escola.

Outro aspecto importante de se destacar é aproximação do Comitê com uma eletiva de tecnologia presente na escola, que gerou uma série de possibilidades de ações que já estão sendo desenhadas para o terceiro trimestre e também para o ano de 2025. Por fim, a implementação do Vozes da Mudança na escola também contribuiu para que todos os trabalhos por área da escola em 2024 tivessem como temática as Relações Étnico Raciais.

6.0 AVALIAÇÃO

Para avaliar as ações do Comitê foram realizadas pesquisas com as turmas, todas as vezes que eram realizados momentos formativos, sejam após as visitas pedagógicas, onde os membros iam apresentar sua ótica sobre a visita, ou mesmo quando eram feitas pequenas formações sobre pontos como racismo recreativo, racismo reverso, dentre outros. Também foi realizada a avaliação do momento com as mães, onde as mesmas puderam expressar suas opiniões sobre o momento realizado.

Além disso, a professora responsável pelo projeto faz rotineiramente o processo de PDCA com os alunos do comitê para avaliar como estão sendo encaminhadas e executadas as ações.

Metas e Indicadores

Acompanhando as ações do Comitê, que ainda está em seu primeiro ano de funcionamento esperasse no longo prazo:

- Aumento no número de auto declarações por parte dos estudantes pretos.
- Redução do número de estudantes pretos e pardos que abandonam a escola ou reprovam chegando a níveis percentuais similares aos dos alunos declarados brancos.
- Melhoria nas habilidades de oratória e produção de apresentações por parte dos membros do Comitê.

- Ampliação do conhecimento por parte da comunidade escolar da legislação que trata da temática da EREER.
- Fortalecimento da parceria com as escolas municipais no intuito de inserir a temática de forma estruturada desde o ensino fundamental.
- Aumento no sentimento de pertencimento por parte dos estudantes e também segurança para relatar possíveis casos de injúria ou racismo.

07. CONCLUSÃO

Em um mundo cada vez mais tomado por atos racistas explícitos, sobretudo com a exposição massiva em redes sociais, a criação do Comitê Antirracista Vozes da Mudança é mais um “porto-seguro” para que os estudantes possam adquirir conhecimentos, se expressar e se sentirem representados. É óbvio que implementar e manter o Comitê traz consigo uma série de responsabilidades e obrigações que geram em nossos estudantes e em toda a equipe envolvida habilidades para lidar com uma série questões. Diante disso, é nítida a evolução de nossos estudantes que integram o Vozes da Mudança em aspectos como postura em sala de aula diante de eventuais dificuldades, capacidade de apresentação de trabalhos e articulação na argumentação, abstração e capacidade de raciocínio lógico, gosto pela leitura e pelo compartilhamento de ideias, alegria por fazer parte da escola e de um projeto onde se sintam ativo e relevante.

Outro aspecto extremamente positivo foi perceber nos estudantes a vontade de levar o Comitê para além do espaço escola, tratando do que foi aprendido na escola com suas famílias, gerando um ciclo de expansão de conhecimento e consciência. Diante de tantos indicadores positivos, é essencial destacar que, além da perspectiva da gestão em implantar uma ideia em uma escola, os professores e alunos são a chama que mantém acesso um projeto tão importante, cabendo ao gestor o cuidado e carinho de estar sempre atento às demandas apresentadas, participando e estimulando cada fase do processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação/Secad. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica. 2004

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.

ANEXOS

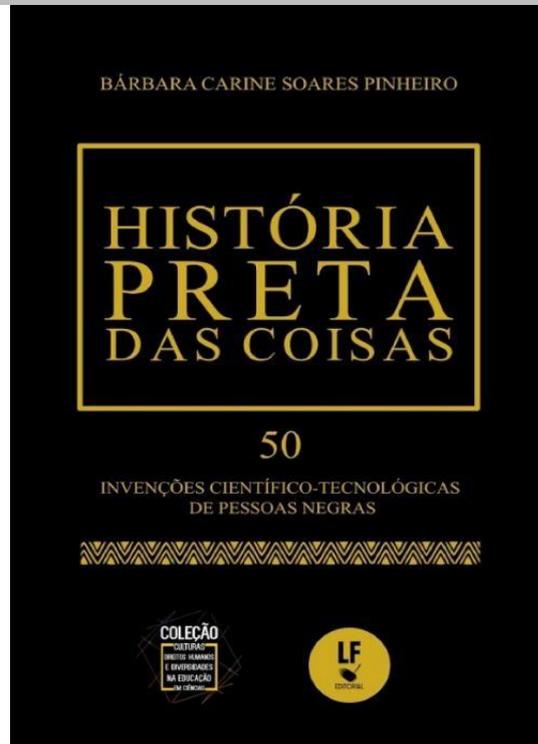


Figura 01 - Um dos livros utilizados nos momentos de reunião mensal do Comitê.



Figura 02 – Reunião de Criação do Comitê Antirracista “Vozes da Mudança”



Figura 03 – Identidade Visual do Comitê.



Figura 04 – Estudante do Comitê apresentado para a turma os conhecimentos vivenciados na prática.



Figura 05 – Apresentação do Comitê Antirracista Vozes da Mudança para a Superintendência.



Figura 06 – Roda de conversa com o senhor Mapero.



Figura 07 – Participação do Comitê em momento formativo organizado pela Regional



Figura 08 – Momento com as mães e responsáveis dos estudantes.

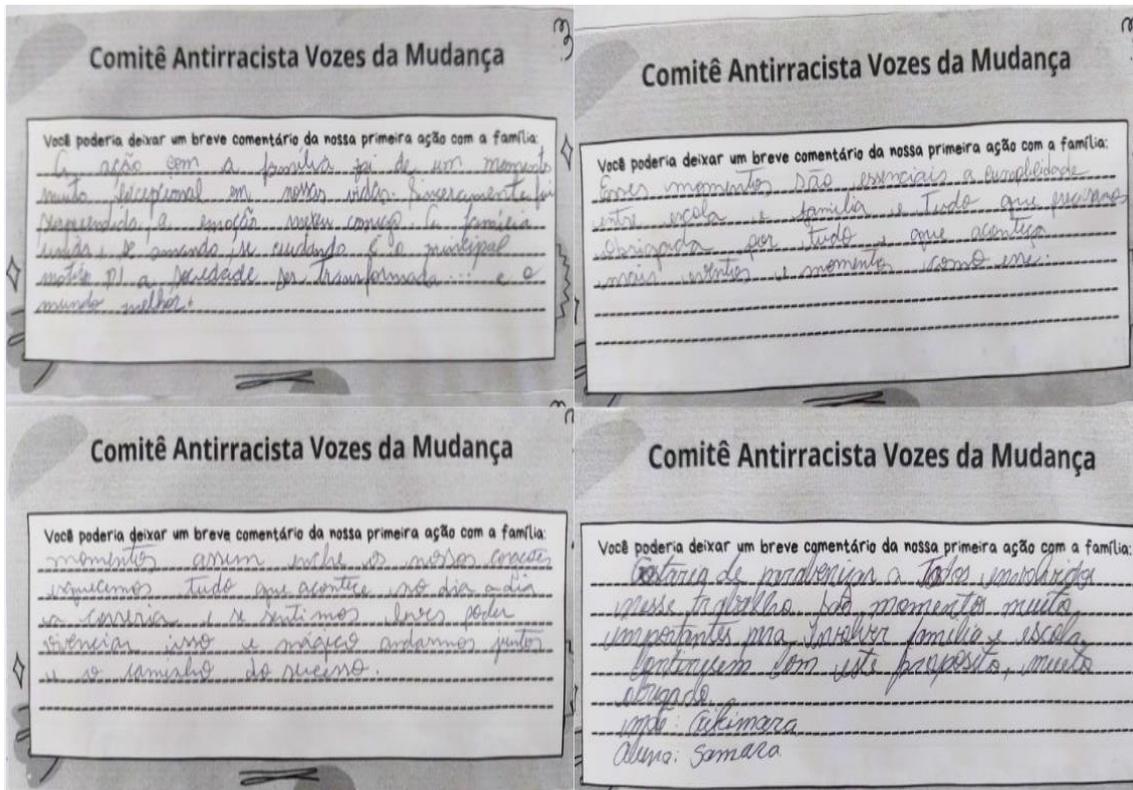


Figura 09 – Avaliação realizada pelas mães e responsáveis



Figura 10 – 1º Seminário realizado pelo Comitê Antirracista Vozes da Mudança



Figura 11 – Participação no JPP de outra escola estadual apresentando o Comitê e os caminhos para sua constituição

Participar do comitê antirracista Vozes da Mudança é uma experiência transformadora. Um dos aspectos mais desafiadores é lidar com a resistência e as críticas, tanto internas quanto externas. A disposição para enfrentar essas dificuldades é crucial para o sucesso do comitê. Desde o início, senti a responsabilidade e o compromisso de lutar contra algo que, infelizmente, está enraizado há muito tempo em nossa sociedade.

As reuniões - repletas de discussões intensas e reflexivas - e as ações realizadas proporcionaram uma visão mais profunda sobre as complexidades do racismo e suas manifestações. Trabalhar em conjunto para desenvolver estratégias e iniciativas de conscientização é desafiador, mas gratificante. Enfrentar resistências e ajustar abordagens ao longo do caminho é uma parte crucial do processo, para que as vozes da mudança gritem para além dos muros da escola.

No final, a sensação de estar contribuindo para um mundo mais justo e inclusivo é maior do que tudo.

Depoimento da aluna Gabriela do 3ºM01.

Cara, minha primeira experiência com o comitê: eu entrei de início não sabendo que tipo de compromisso que eu ia ter, porque eu realmente no começo eu não achei que ia ter essa importância que tem hoje. Eu lembro até hoje qual foi a primeira ação do comitê (que foi a visita a Aldeia Indígena) e que infelizmente eu não pude participar mas eu queria por que o pessoal que teve essa experiência e quando compartilhou conosco foi uma coisa que eu queria ter participado e me arrependi de não poder ter. Mas foi aí mesmo que eu firmei o meu comprometimento com o Comitê, porque a partir desse ponto, dessa virada de chave, eu percebi que muitas das coisas que me faziam mal ou eu guardava, eu pude libertar e compartilhar com pessoas que estão no mesmo círculo que eu e não me julgaria. E todas as ações depois dessa que foram dessa a visita na superintendência (apresentando o comitê aos líderes regionais e no dia seguinte numa reunião de Diretores), a conversa com moçambicano (que nos contou um pouco de seu país e quais as diferenças de culturas, línguas e como ele se adaptou ao Brasil), a ação pro dia das mães também foi marcante, que foi muito necessário. No final de todo esse relato, o comitê foi e está sendo uma experiência necessária e que toda escola deveria ter alguém que comece um trabalho para erradicar o racismo, o preconceito, a homofobia, e eu fico muito grato por está podendo participar, está contribuindo e nutrir por algo que me ajudou e vai ajudar ainda

vem eu não vou poder estar participando ativamente, mas sempre que o comitê, e a equipe da escola precisar da minha ajuda, eu vou estar aqui. Obrigado pelo Comitê Antirracista Vozes da Mudança, professora Jajá, ao diretor e a todos os envolvidos. Juntos todos anos vamos fazê-lo entrar para história.

Relato do estudante Hugo do 3ºV02.

O Comitê Antirracista é, sem dúvida, uma das experiências mais impactantes que já vivenciei no contexto educacional. Ele surgiu como resposta a uma necessidade urgente da sociedade e, conseqüentemente, da escola, refletindo o engajamento da comunidade escolar — incluindo gestão, equipe pedagógica, professores e alunos — em promover ações focalizadas na equidade e na redução da discriminação a partir da conscientização e do protagonismo estudantil. Como professora e integrante do comitê, tenho me emocionado em inúmeras ocasiões, seja por meio de eventos, relatos ou pelos evidentes progressos de cada estudante que escolhe ser uma voz da mudança. Como mulher negra, vejo-me representada nesses estudantes e consigo esperar um futuro de mais oportunidades para todos, onde as diferenças sejam valorizadas e respeitadas, e cada aluno possa se desenvolver plenamente, livre das amarras dos preconceitos e das desigualdades que ainda persistem. A semente foi plantada e já vemos brotar os primeiros frutos de um trabalho dedicado e coletivo, que inspira um movimento contínuo de transformação e resistência. É gratificante pensar nos próximos bons frutos que virão! Que sigamos firmes nessa luta, que não é fácil, mas se faz necessária.

Depoimento da professora Raíza.

Gostei muito de todos os momentos realizados em sala pelo Comitê esse ano, o mais importante foi quando falaram de racismo recreativo. Estou no primeiro ano e não tinha muita ideia do que era no início do ano e por isso não quis participar. Fiquei pensando o que um garoto branco pode fazer para ajudar a combater o racismo, pensava que só os negros podiam fazer algo. Com as ações desenvolvidas, os trabalhos da escola e algumas conversas com alunos do comitê entendi que posso contribuir também. Quero fazer parte do comitê ano que vem.

Depoimento do aluno Cauã do 1º M02